

Sem salto¹

Alexandre GOMES²

Maria Stella Galvão SANTOS³

RESUMO

A crônica “Sem salto” foi produzida a partir de um exercício voltado à prática dos diversos gêneros jornalísticos, no segundo semestre de 2011, para a disciplina de Redação Jornalística do curso de Jornalismo da Universidade Potiguar. Foram sugeridas várias obras de autores que se tornaram clássicos da literatura universal, como Franz Kafka, Dostoiévski, Machado de Assis e Clarice Lispector. Sob orientação da professora, a atividade consistia em produzir resenhas críticas ou explicativas do texto literário indicado ou outra modalidade de interconexão com o autor original, permitindo uma inflexão necessária e extremamente útil à prática jornalística, que necessita do exercício crítico e da articulação textual rica e contextualizada. Para adaptar-se aos fundamentos de confecção da crônica, optou-se por uma linguagem ora descritiva, ora especulativa e satírica, mas sempre bem humorada.

PALAVRAS CHAVES Crônica; gênero jornalístico; literatura e jornalismo

INTRODUÇÃO

Gênero jornalístico que permite um exercício de liberdade extremo na confecção do texto, a crônica abre-se a toda e qualquer abordagem temática. Não há engessamento do cronista quanto à formulação do texto; Se há um regramento, é o da livre criação, mas esta deve parecer verossímil, ainda que em alguns momentos pareça justamente o contrário. Como afirma Umberto Eco, o acordo ficcional entre quem escreve e seus potenciais leitores inclui a aceitação de uma história imaginária, inventada, não uma mentira, mas uma verdade presumida, ainda que esta possa contrariar a realidade, até mesmo contradizê-la.

Sem essa “suspensão da descrença” (Eco, 2006, p. 83) não é possível, por exemplo, compreender a natureza de um terreno ficcional onde lobos falam e homens acordam metamorfoseados em insetos. “Aceitamos o acordo ficcional e fingimos que o que é narrado de fato aconteceu” (idem, p.81). Como o leitor de “A Metamorfose”, ao deparar-se com a frase que abre o relato: ‘Certa manhã, ao despertar de sonhos agitados, Gregor Samsa se viu transformado num inseto gigantesco’. Essa descrição parece intensificar a natureza incrível do que aconteceu e, no entanto, reduz o fato a proporções aceitáveis. “(...) Essas poucas

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Informativo: Crônica.

² Autor do trabalho, estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo UnP, email: alegomesfashion@me.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Jornalismo UnP, email: stellag@uol.com.br.

linhas de Kafka constituem um exemplo de realismo, não de surrealismo.” (idem, p. 84) O mesmo é observado no quarto onde a história se desenrola: “A descrição que se segue nada tem de fantástico, sendo inteiramente realista. (...) Kafka precisa situar sua história inverossímil num ambiente verossímil” (p. 85).

Jorge de Sá (1997) define a crônica como sendo um gênero híbrido que oscila entre a literatura e o jornalismo, resultado da visão pessoal, particular e subjetiva do cronista perante um fato qualquer. Trata-se de uma produção necessariamente curta, redigida numa linguagem mais próxima do coloquial e, portanto, do cotidiano do leitor. Por ser híbrida, pode seguir qualquer direção, sem ater-se a regramentos pré-determinados. Por tender à literatura, pode recorrer aos recursos da ficção para ressaltar determinados aspectos da cena relatada e seus protagonistas. E, pelo fato de muitas vezes basear-se em notícias jornalísticas, pode contribuir de modo efetivo para ampliar a compreensão crítica do leitor sobre as informações veiculadas no formato exclusivamente informativo.

2 OBJETIVO

Na crônica objeto deste trabalho, o objetivo foi fazer uma livre associação entre a ideia central de “A Metamorfose”, de Kafka, transferindo-a para uma personagem comum, uma mulher que poderia ser confundida com um transeunte, em meio à perplexidade do mundo contemporâneo. A linguagem metafórica flerta com o nonsense, foge do senso comum e, à maneira do personagem kafkaniano, causa uma sensação de estranhamento, ou identificação, no leitor.

3 JUSTIFICATIVA

O termo crônica se origina no grego *khronos*. Na Idade Média e durante o Renascimento, significava um relato cronológico de fatos. Na língua portuguesa, o sentido de relato histórico cedeu lugar ao status assegurado enquanto gênero jornalístico, “situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (MELO, 2002, p.147). No Brasil, a popularização da crônica acontece a partir da 2ª metade do século XIX, alcançando maior reconhecimento a partir da década de 1930 com uma inserção cada vez mais frequente nos diários impressos da época.

A definição de crônica, aliás, varia de país para país – no Brasil, faz um “relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (MELO, 2002, p. 155), enquanto na maior parte do mundo se caracteriza como um relato cronológico. Aqui, a crônica se caracteriza pela ligação com o cotidiano e a crítica social dissimulada nos meandros do texto. A informalidade podem esconder críticas severas: a

crônica moderna assume a agilidade de um jornalismo em mutação. No corpo do jornal, não é um objeto estranho, mas matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa. (MELO, 2002)

Próxima do cotidiano, ela permite a aproximação entre cronistas e leitores exatamente pelo uso da linguagem direta, contribuindo para a discussão de temas que a objetividade do Jornalismo frequentemente deixa de lado, especialmente no noticiário factual. Permite, assim, fornecer lentes para ‘ler’ o mundo não apenas através de uma perspectiva analítica e racional, mas “por meio de olhares afetivos, carinhosos e amorosos, capazes de, entre piscadelas cúmplices, tecer um texto vivo e caloroso que não tem medo de se emaranhar nas teias dos contatos humanos.” (FONSECA, 2004, p. 11)

Embora tenha como objeto o cotidiano, a crônica, diferentemente do jornalismo, pretende transcender o rotineiro pela busca da universalização dos fatos e sentimentos, atribuindo voz a personagens factíveis, ainda que irreais. Em vez de informar sobre acontecimentos recentes, o cronista opta por narrar circunstâncias que diferem dos critérios paradigmáticos de noticiabilidade do jornalismo. “Na crônica, embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade do cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse ‘por acaso.’” (SÁ, 1997, p. 18)

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Encontrar um ponto de partida para o relato de Virgínia permitiu-me viajar pelas atitudes femininas, sensibilizadas pelas emoções, alteração de comportamentos e todo o arrazoado sensorial percebido por meio dos afetos e sonhos, e também de atitudes relacionadas a noções de auto-aceitação e ousadia. A viagem transformadora, seja um escapismo da realidade ou determinação movida pelo desejo, é narrada com senso de humor sem perder de vista o trágico que se aproxima do melodrama.

O realismo mescla-se à ficção e ao universo de devaneios pelo modo como a personagem principal se metamorfoseia em cachorro, ainda que apenas simbolicamente afirmando sua alteridade. A impetuosidade torna-se marca registrada em resposta a uma vida banalizada pela contemplação do outro, daquele que habita um espaço desejável e simultaneamente inacessível. O enfrentamento do drama vivido pela garota em sua busca por emprestar sentido à própria trajetória culmina, então, em um posicionamento que beira o animalesco, mas que a redime intimamente e a projeta para outras possibilidades de existir, de modo não

mais interdependente daquilo que lhe é estranho, mas assumindo o estranhamento que lhe é intrínseco.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo iniciou com as sugestões de leituras propostas pela professora da disciplina de Redação Jornalística, e seus desdobramentos, sob a forma de resenhas ou crônicas. Diante da leitura da obra-prima do escritor tcheco Franz Kafka, enxerguei na trama a possibilidade de relacionar o drama do personagem principal, Gregor Samsa, com uma notícia de jornal que relatava o abandono de um bebê em uma caixa de sapato. A ideia foi reunir o ímpeto transformador vivenciado pela personagem Virgínia, com cenários contemporâneos relacionados à Sociedade do Consumo, ao culto a celebridades e à vida comum e ordinária que enreda tantos seres na teia dos centros urbanos.

6 CONSIDERAÇÕES

O texto elaborado dentro dos critérios algo anárquicos da crônica permite que se transite entre o jornalístico, o histórico e o literário, mas com características próprias, com uma presteza que sugere uma notícia mais arrematada, acrescida de elementos imaginários. O que a princípio poderia ser contraditório – enquanto texto breve e pensado para o jornal, mas compreendido no intervalo entre o jornalismo e a literatura – termina sendo uma característica fundamental no gênero cronístico, em função das escolhas particulares do narrador. Nesse sentido, a figura do cronista apresenta certa aproximação com a narrativa histórica – embora não se trate exatamente de escrevê-la, como faz o historiador, mas apenas de sugerir nuances. (BENJAMIN, 1987)

Embora seja uma experiência individual de escrita, o ofício do cronista se aproxima do coletivo pela intenção de diálogo com o leitor, a quem afinal destina-se o texto. A produção do cronista tem foco na experiência do narrador com o mundo narrado; tende a concentrar-se mais nas vivências e menos em informações; não tem tanta preocupação de situar a narrativa em um fluxo preciso de tempo, característica do romance e do jornalismo.

Se os modelos de redação jornalística convencionais contribuem para a agilidade do processo de produção de notícias, a consequência é que o texto tende a ficar excessivamente padronizado. Na crônica, transpira a personalidade e visão de mundo do autor. É comum que ela desperte no leitor algumas sensações que o próprio autor sentiu no momento da escrita, porque este gênero procura criar, de modo deliberado, uma relação de intimidade entre ambos.

Livre, escreve-se sem amarras e, portanto, pode-se dar vida a toda imaginação literária, sem se preocupar com o princípio da imparcialidade, sem se ater ao compromisso jornalístico de “mostrar os dois lados” – como deve ser feito numa notícia convencional.

Além desses aspectos, por ser contemporânea e explorar o cotidiano, a crônica tende a analisar algo que afeta diretamente quem lê, aumentando essa sensação de proximidade e identificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskoi**. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FONSECA, A.A. **Cotidianos culturais e outras histórias: a cidade sob novos olhares**. Uberaba: Uniube, 2004.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Autêntica, 1997.

MELO, J.M., “A crônica”. In: **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

KAFKA, F. **A Metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.